

Os cronistas do *Jornal dos Sports* (1950-1958): subjetividade, clubismo e denunciismo

The Chroniclers of the *Jornal dos Sports* (1950-1958):
subjectivity, clubism and denunciation

André Alexandre Guimarães Couto

CEFET/RJ, Rio de Janeiro/ Brasil

Doutor em História, UFPR

guimaraescouto@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo faz uma apresentação geral sobre as crônicas esportivas do *Jornal dos Sports* (*JS*), publicadas entre os anos de 1950 e 1958, tendo como marcos duas copas do mundo deste período. Nesta conjuntura histórica, o cronismo esportivo se consolidou nas grandes cidades brasileiras como um gênero híbrido, forjado no limite entre o jornalismo e a literatura. O alto grau de subjetividade e a exploração dos sentimentos pelos narradores do *JS*, os chamados cronistas esportivos, tornava-se uma orientação para estes autores. E, dentre as várias possibilidades de atuação destes profissionais, temos a escolha de tratar dois fenômenos específicos: o clubismo e o denunciismo. Cabe destacar que estes autores atuavam de forma heterogênea no que diz respeito aos seus respectivos estilos narrativos, discordando por vezes dos seus olhares sobre o esporte, mas compondo uma equipe que ganhava fôlego nas páginas deste jornal da cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornal dos Sports*; Crônicas esportivas; Imprensa esportiva.

ABSTRACT: This article presents a general presentation on the sports chronicles of the *Jornal dos Sports* (*JS*), published between 1950 and 1958, opting to privilege two important authors of the journal. In this historical conjuncture, sports cronismo was consolidated in the great Brazilian cities as a hybrid genre, forged in the limit between the journalism and the literature. The high degree of subjectivity and the exploration of feelings by the narrators of the *JS*, the so-called sports chroniclers, became an orientation for these authors. And, among the various possibilities of these professionals, we have the choice of dealing with two specific phenomena: clubism and denunciation. It is noteworthy that these authors acted in a heterogeneous way regarding their respective narrative styles, sometimes disagreeing their looks on the sport, but composing a team that gained breath in the pages of this newspaper of the city of Rio de Janeiro.

KEYWORDS: *Jornal dos Sports*; Sports chronicles; Sports Press.

PALAVRAS INICIAIS: O *JORNAL DOS SPORTS*

O texto em questão tem o objetivo central de apresentar dois elementos importantes na estruturação das crônicas publicadas no *Jornal dos Sports* ao longo da década de 1950; duas práticas ou orientações que os cronistas deste periódico adotavam em seus respectivos textos: o clubismo e o denunciamento. Para tanto, selecionamos dois principais autores que atuavam no jornal: Manoel Vargas Netto e Álvaro do Nascimento (conhecido com o pseudônimo de “Zé de São Januário”). Nosso critério foi comparar dois estilos narrativos diferenciados em congruência com as duas características do jornal, além do fato de serem dois narradores longevos na história deste periódico. No estudo das crônicas apresentadas neste texto utilizamos a metodologia da análise do discurso, na perspectiva de que não apenas o conteúdo dos textos nos interessava, mas o posicionamento específico dos autores, suas escolhas léxicas e a montagem de uma narrativa pontual que era adotada por cada um deles na produção do jornal. Desta forma, o conceito de “cena” de Maingueneau, pois este teórico nos propõe entender a mensagem do enunciador sob a luz não apenas de uma dada conjuntura, mas a partir de um cenário, de uma posição específica do autor (no caso, do cronista). Portanto, devemos analisar a fonte levando-se em conta o sujeito/autor de seu próprio discurso, em um processo simultâneo de assujeitamento do discurso, assim como o de atribuição de uma autoridade legitimada e institucionalizada.

Cabe lembrar ainda que se o *JS* desde suas origens tinha uma orientação intervencionista no campo esportivo, procurando ampliar sua área de atuação (principalmente nos editoriais), é na década de 1950 que o cronismo se consolida no jornal com uma multiplicidade de estilos narrativos e com uma preocupação voltada para o clubismo e o denunciamento, já que desenvolvera de forma espaçada estas características ao longo da década de 1940.¹

¹ Portanto, utilizamos o recorte cronológico deste artigo baseado nas fontes consultadas e analisadas na elaboração da tese *Cronistas esportivos em campo: Letras, Imprensa e Cultura no “Jornal dos Sports” (1950-1958)*. Curitiba: UFPR, 2016. Doutorado em História.

Todavia, antes de explorarmos estas duas importantes características do jornal propostas para este artigo, é preciso que façamos um breve histórico sobre este veículo de comunicação/empresa.

O *JS*, fundado em 1931 pelo jornalista Argemiro Bulcão e pelo dono de oficinas gráficas Ozéas Mota, tornava-se mais um fruto das iniciativas de publicações que pretendiam retratar o fenômeno esportivo nas grandes cidades brasileiras.² A década de 1930 era o momento de uma conjuntura histórica de mudanças significativas no panorama político, social e econômico do país. A Era Vargas iniciara com a Revolução de 1930 e abria um espectro de um governo autoritário e nacionalista, tentando recuperar uma economia agroexportadora e retalhada pela crise mundial do ano anterior.³ No âmbito das comunicações, o rádio se tornava um dos principais veículos e se popularizava, elevando a importância do jornalismo esportivo e do entretenimento para as famílias brasileiras, principalmente porque as publicações, no âmbito político, enfatizavam mais o papel do Estado e menos do indivíduo.⁴

O *JS* então, assim como a maior parte dos periódicos das décadas de 1930 e 1940, alinhava-se com as orientações ideológicas do Estado autoritário comandado por Getúlio Vargas e ganhava espaços editoriais até então pouco percorridos por um jornal especializado em esportes. Vencera a barreira da efemeridade e da incerteza do setor gráfico e das comunicações do início do século XX e sua principal linha editorial, comandada por Bulcão, era voltada para a pretensão de ser um jornal poliesportivo, mas, na verdade, dava espaço majoritário para a cobertura do futebol do e no Rio de Janeiro.⁵ Inclusive os editoriais chamavam a atenção do público leitor para o futebol desenvolvido na cidade, sem perder de vista a

² Apesar de várias publicações esportivas terem sido criadas no início do século XX, algumas já existiam desde o final do século XIX, seja compondo com outros temas como o teatro e a literatura, seja noticiando especificamente o campo esportivo, mesmo que quase exclusivamente se dedicando ao turfe. Ver em: MELO. *História da Educação Física e do Esporte no Brasil: Panorama e Perspectivas*, p. 105-107.

³ FAUSTO. *História do Brasil*, p. 327.

⁴ BARBOSA. *História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000*, p. 108-109.

⁵ COUTO. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*, p. 45-46.

preocupação com as grandes questões nacionais propostas pelo Estado, como os cuidados com a saúde pública e dos atletas e a formação da raça brasileira.⁶

Bulcão ficaria a frente do jornal até 1936, quando o *JS* é vendido para o também jornalista Mário Rodrigues Filho (ou simplesmente Mário Filho), já conhecido por sua atuação na imprensa esportiva da época. Apesar de a história deste jornal ter sido vinculada quase exclusivamente pelos memorialistas (e por vezes, historiadores do esporte) ao nome de Mário Filho, cabe informar que muitas das estratégias de publicação e escolhas editoriais foram mantidas de uma gestão para outra, não excluindo as novidades criadas por este último ao longo de sua gestão a frente do *JS*.⁷

Nesta nova gestão, Mário Filho conseguia finalmente garantir a gestão de um empreendimento jornalístico esportivo.⁸ À frente da editoria de esportes do jornal *O Globo*, cujo proprietário era o seu amigo Roberto Marinho, Mário Filho poderia moldar um jornal a partir da criação de representações sociais e culturais cariocas de enxergar o esporte. Esta tarefa deveria envolver uma série de profissionais, muitos dos quais já atuavam na gestão anterior, e a equipe fora acrescida de outros jornalistas e cronistas que pertenciam ao meio social de Mário Filho. Alguns por conta da atuação em *O Globo*, outros pela estratégia de ter em seus quadros funcionais representantes do dirigismo político e esportivo, criando relações fortes de proximidade com o *status quo* do Estado brasileiro e das associações/agremiações esportivas.⁹

Neste aspecto, chama-nos a atenção a equipe de cronistas esportivos que seria montada a partir da década de 1940 e consolidada nos anos 1950, quando este gênero híbrido textual ganhara corpo nas publicações esportivas em grandes

⁶ O espaço para o posicionamento de Bulcão era uma coluna, impressa na página 2 do jornal denominada “Críticas e Sugestões”.

⁷ Apenas para citar alguns exemplos, temos a manutenção das colunas sociais dos principais clubes do Rio de Janeiro, a utilização de imagens dos jogadores e atletas em ação e o apelo constante à cobertura do futebol, sem falar na construção de textos editoriais na coluna “Críticas e Sugestões”.

⁸ Antes da compra do *JS*, Mário Filho tinha criado o jornal *Mundo Esportivo*, mas sua vida funcional fora efêmera.

⁹ Neste aspecto, vale lembrar-se dos trabalhos de COUTO. *A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)*, p. 117-137; e de HOLLANDA. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*, p. 80-106.

jornais e revistas pelo país. Por que no campo esportivo exatamente? De acordo com Barbosa, os anos 1950 representaram nos grandes jornais um momento de mudanças estruturais em seu *modus operandi* no aspecto redacional e tecnológico.¹⁰ De acordo com esta autora,

O que se procura construir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário, fundamental para a autoconstrução da legitimidade da própria profissão. Assim, as reformas dos jornais da década de 1950 devem ser lidas como o momento de construção, pelos próprios profissionais, do marco fundador de um jornalismo que se fazia moderno e permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo.¹¹

Desta forma, esta “onda da objetividade” alcançara muitos jornais e passara a compor o cotidiano da prática do jornalista e dos redatores, abrindo espaços, então, para a produção de outros textos que pudessem ter quase uma “licença” na aproximação entre a ficção e a realidade, com um alto teor de subjetividade dos autores envolvidos. Temos, então, a valorização da crônica nesta conjuntura, sendo considerada como mais do que um formato redacional, mas, sobretudo, um canal de subjetivação do olhar do autor.

CRÔNICAS, ESPORTES E SUBJETIVIDADE

As crônicas esportivas do *JS* expressavam com seus diversos cronistas, sejam eles mais conservadores e disciplinadores como Manoel Vargas Neto, sejam mais polêmicos e com discursos mais populares como Álvaro do Nascimento (também conhecido como “Zé de São Januário”), uma preocupação com os sentimentos e paixões que o esporte poderia oferecer.¹²

¹⁰ BARBOSA. *História Cultural da Imprensa*, p. 150.

¹¹ BARBOSA. *História Cultural da Imprensa*, p. 150.

¹² Manuel do Nascimento Vargas Netto era sobrinho de Getúlio Vargas, e filho do Ministro Viriato Dorneles Vargas e, como o restante da família, nascera em São Borja (RS). Vargas Neto também era escritor, autor de uma série de poemas regionalistas. Vargas Netto foi presidente durante quase uma década da Federação Metropolitana de Futebol (FMF). Foi membro do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos. Também era advogado e foi Deputado Federal e Procurador do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: HOLLANDA. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980, p. 94-95. Já, Álvaro do Nascimento, também conhecido como “Zé de

Cabe lembrar que o rádio e o cinema já eram veículos de comunicação (principalmente o primeiro) que mudavam a forma de apreensão do indivíduo sobre a própria sociedade. Apesar de o acesso ao mundo esportivo ter sido apresentado pelo processo de fidelização do rádio (desde o primeiro período Vargas), as crônicas pretendiam trazer ao universo da leitura um formato de aproximação subjetiva com os leitores. Ou seja, era necessário “conquistá-los” por meio de textos mais simples, diretos, copiando uma conversa que não se completava necessariamente, mas que deveria demonstrar um grau elevado de cumplicidade e intimidade.

Desta forma, temas como paixões pelo esporte e dos torcedores, sociabilidades, saúde, regionalismos, violência e ordem no esporte, dentre outras possibilidades, combinavam com as duas vertentes basilares: a da defesa do clubismo e da do denunciamento, como veremos mais adiante.

Tudo isso, dentro de uma conjuntura de desenvolvimento de um capitalismo considerado tardio, por alguns autores, e de ampliação de uma rede de sociabilidades que as novas tecnologias poderiam oferecer (como o aperfeiçoamento do alcance do rádio, por exemplo, e de novos equipamentos gráficos).¹³ A década de 1950 inclusive seria um momento claro de como vários governantes teriam que lidar com o processo de modernização da sociedade brasileira.¹⁴

Do ponto de vista da criação dos textos das crônicas, podemos dizer que a confecção das mesmas permitia um olhar pessoal e subjetivo de uma realidade que por si só passava por mudanças significativas, seja no âmbito da experimentação de um pluripartidarismo democrático liberal, seja na perseguição de políticas desenvolvimentistas. O trânsito fronteiriço da crônica entre a invenção e o fato jornalístico era dividido com os leitores acerca do universo esportivo da cidade do Rio de Janeiro e suas relações com a geografia nacional e mundial.¹⁵ Fonte rica para

São Januário”, era jornalista de atuação desde a gestão de Argemiro Bulcão. Era ligado ao Vasco e escrevia outra coluna chamada “O Vasco em Dia”. Considerado polêmico e ácido em sua coluna mais famosa, tornou-se um dos colonistas mais longevos no JS.

¹³ MELLO; NOVAIS. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. No âmbito das modificações tecnológicas e gráficas da imprensa, ver: SODRÉ. *História da Imprensa no Brasil*

¹⁴ FAUSTO. *História do Brasil*, p. 395-462.

¹⁵ É o caso por exemplo da rivalidade dos jogos entre os times do Rio de Janeiro e de São Paulo, por exemplo, ou das excursões de clubes europeus, ou ainda da cobertura de grandes eventos

compreendermos a sociedade em questão, assim como o olhar mais pontual do autor/cronista. Ferreira, preocupado com as fontes literárias proveniente do gênero romance nos lembra de que: “[...] toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria em seus mundos de sonhos, utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem”.¹⁶

A crônica, desta forma, não apenas reflete uma visão autoral sobre determinado assunto ou conjuntura, mas compreende uma produção que revela um determinado contexto, um amálgama de múltiplas relações sociais, culturais, políticas e econômicas que retroalimentam a produção do gênero em questão. A importância da preocupação com as subjetividades envolvidas não está descolada da relevância das estruturas macro da sociedade. Muito pelo contrário, há que se pensar em como a narrativa autoral dialoga com a percepção do tempo pelo cronista.

A estratégia de trabalhar com a temporalidade permite, enfim a ampliação da visão do autor, seja na comparação com a situação hodierna seja com valorização de um tempo histórico (ora nostálgico, ora mais crítico). Para Sarlo, a narrativa, por meio da linguagem:

[...] liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar.¹⁷

A experiência não é apenas uma ação do passado, mas o ato de estar no tempo e no local adequado, compartilhando percepções, emoções e sentimentos individuais e coletivos com os seus pares (no caso dos cronistas, por exemplo). A vivência era influenciada diretamente pela relação destes autores com suas respectivas relações com os clubes e agremiações esportivas e com o dirigismo esportivo e político. Cabe lembrar que uma das principais características do *JS* na

internacionais, como a Copa do Mundo, Jogos Olímpicos ou Copa Rio (este, por sua vez, era um torneio de futebol com a participação de equipes do continente europeu e sul-americano).

¹⁶ FERREIRA. A fonte fecunda, p. 67.

¹⁷ SARLO. *Tempo passado*, p. 24-25 (grifo da autora).

década de 1950 é justamente a diversidade de estilos narrativos dos seus cronistas.¹⁸ Ou seja, as visões distintas são representadas por narrativas heterogêneas e que formavam um verdadeiro caleidoscópio sobre o campo esportivo da cidade.

Ou seja, pensamos a subjetividade a partir da existência do conceito de intersubjetividade, da relação com o outro, com a definição de uma outridade. Por mais que possamos valorizar as representações culturais criadas pelos cronistas esportivos, a importância de suas respectivas produções só nos traz sentido por conta da direção em que tomam e do contexto em que são criadas. Conforme ilumina Arfuch, “[...] relato da experiência é, num ponto, coletivo, expressão de uma época, de um grupo, de uma geração, de uma classe, de uma narrativa comum de identidade”.¹⁹ Desta forma, a narrativa em si, que beira a realidade e a ficção, não constrói ou cria uma identidade ilusória ou estritamente artística, ou mesmo, forjada em si mesma, mas uma identidade pautada no que há de comum entre os sujeitos.

Desta forma, pensamos no caráter inter(subjetivo) das crônicas a partir do conceito de outridade, da projeção do diálogo entre a construção criativa do texto e a sua devida re(significação) por parte dos leitores ou mesmo pelos seus pares do jornal. A continuidade ou não de um determinado debate, causado por um tema específico, poderia ser estimulado pelo termômetro da repercussão de certos fatos no mundo esportivo, por exemplo. Todavia, o canal de comunicação entre o autor e os leitores também se mantinha aberto para discussões menores e corriqueiras, características constantes deste gênero.

Como poderemos ver mais adiante, perceberemos alguns exemplos das características basilares (e estruturais) das narrativas dos cronistas do *JS*: o clubismo e o denunciamento. Estes eram elementos de projeção editorial do próprio jornal, mas cunhados a partir de um olhar inter(subjetivo) dos cronistas.

¹⁸ Para conhecer esta classificação de estilos narrativos, ver: COUTO. *Cronistas esportivos em campo: Letras, Imprensa e Cultura no “Jornal dos Sports” (1950-1958)*. Neste trabalho é possível compreender a coexistência de mais de um modelo do gênero crônica, seja realizada por autores/literatos e consagrados, seja pelas iniciativas de jornalistas que iniciavam na atividade e conviviam de perto com cronistas mais experientes. A convivência no jornal destes diferentes autores (inclusive autoras) retroalimentavam as intenções e objetivos inter(subjetivos) dos mesmos(as).

¹⁹ ARFUCH. *O espaço biográfico*, p. 100.

CLUBISMO OU CLUBISMOS?

Se compreendermos que os cronistas do *JS* tinham um alto grau de autonomia em seus textos, apesar da direção central da empresa ficar a cargo de um jornalista que também ocupava espaço como autor de narrativas híbridas (entre o jornalismo e a literatura), chegamos a um caminho inevitável: a ideia de que se tornavam defensores e, por muitas vezes, debatedores de suas próprias e respectivas paixões clubísticas. É o caso de José Lins do Rego, por exemplo, ávido torcedor do Flamengo. Porém, ele não era o único. Poderíamos citar Vargas Netto (Botafogo), Mário Júlio Rodrigues (Fluminense) e Álvaro do Nascimento (Vasco) como exemplos de autores que abusavam de sentimentos, afetos e paixões de seus clubes, seja na defesa de seus interesses e hipervalorização de seus feitos, seja na contundência da crítica, direcionada a vários alvos (equipe, dirigentes, autoridades políticas e esportivas).²⁰

No entanto, a defesa dos clubes grandes pelos cronistas do *JS*, do ponto de vista das paixões (inter)subjetivas que os mesmos apresentavam em seus textos, assim como da capacidade de tentar absorver e retroalimentar os afetos coletivos dos torcedores (por vezes, leitores do jornal), é apenas um lado de uma moeda em torno da exploração deste conceito (se é que podemos chamar desta forma). Aliás, estudos sobre os clubes e suas rivalidades têm sido explorados por bons trabalhos acadêmicos, seja no âmbito da paixão dos torcedores, seja no processo de formação dos jogadores e de todo o universo que o cerca.²¹ Damo explora em seus trabalhos um olhar voltado para as representações simbólicas da rivalidade, da fidelidade e do sentimento de pertencimento, principalmente nos estudos dos grandes clubes de futebol do Brasil.²²

A ideia de clubismo pode ser alargada para além desta apreensão mais emotiva e passional ao percebermos nas fontes uma valorização do clube como

²⁰ Apesar de explorarmos mais outro viés de clubismo nas crônicas do *JS*, cabe citar a crônica de Álvaro do Nascimento (“Zé de São Januário”) em: NASCIMENTO (Zé de São Januário). *Jornal dos Sports*, 1952, p. 4. Neste texto há uma provocação clara de Nascimento direcionada para o também cronista José Lins do Rego e seu Flamengo.

²¹ Neste modelo de interpretação, podemos citar os trabalhos, por exemplo, de DAMO. *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*, 2002.

²² Ver em: DAMO. *Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*, 2005.

instituição. Neste caso, não se trata apenas de pertencimento a um sentimento por um clube de futebol, mas também a instituições voltadas para a prática do lazer e de demais esportes. Clubes de bairros de periferia, inclusive. Ou seja, o clube é compreendido também como espaço basilar do campo esportivo e de fonte da educação esportiva, capaz de disciplinar, organizar e realinhar as práticas desportivas. Vários cronistas adotaram o discurso em prol deste olhar regulatório da função clubística. Porém, o que mais se destaca neste perfil é Manoel Vargas Netto, muito por conta da sua trajetória política e no dirigismo esportivo, nunca descolada de sua prática como literato e cronista.

Minas T. C.

Começa hoje o Quadrangular de Basket promovido pelo Fluminense. Os três grêmios visitantes são organizações exemplares nos seus respectivos territórios: Minas T. C., de Belo Horizonte; Pinheiros, de São Paulo; Santos, da cidade de mesmo nome.

Há pouco, quando estive em Belo Horizonte, visitei as instalações do Minas Tennis Clube. O que mais me impressionou não foi o aspecto material desse clube, que, diga-se de passagem, nada fica a dever a qualquer organização do Continente.

Talvez por possuir o Minas um grande técnico e entusiasta do basket – Dr. Gerson Sabino – é fácil constatar naquele clube, apesar das boas instalações para tennis, natação e outros desportos, a preponderância dos praticantes do basketball. Além das quadras descobertas, possui a simpática agremiação de Belo Horizonte um formidável ginásio, ultra-moderno, para prática de vários desportos de quadra, prestando-se também para os espetáculos dos bailados no gelo.

A sede do Minas é digna de admiração pelo conforto que representa, pela amplitude de suas dependências, pelo cuidado minucioso e racional de todos os detalhes e utilidades, inclusive a seção médica de catalogação e controle dos atletas e sócios comuns. Para qualquer idade e necessidade há cuidados especiais e instalações adequadas.

Mas, o que mais me impressiona é o volume da freqüência, o entusiasmo daquela juventude cheia de vida e idealismo, toda entregue às sadias atividades dos desportos. Já se pode notar o tipo mineiro de amanhã, desenvolto, robusto, alegre, equilíbrio de elasticidade física e confiança em si mesmo.

Ali se encontra a primeira sociedade da bela cidade que é a capital de Minas Gerais, mas também os atletas que se formam para a glória das competições. É uma forja de campeões.²³

O contato frequente de Vargas Netto com os clubes e associações tem a ver com suas funções exercidas não apenas como cronista esportivo, mas também

²³ VARGAS NETTO. *Jornal dos Sports*, 1952, p. 5.

como dirigente de associações como a FMF e o CND. Por isso, era comum receber convites de clubes esportivos e de lazer em várias partes do Brasil para comemorações e eventos festivos.²⁴ Neste texto específico, o cronista entende que a portaria do clube levaria a uma entrada do aprimoramento de um povo, uma visão ainda eugênica de utilização das práticas desportivas para o desenvolvimento da saúde. Não por acaso, é comum nas crônicas deste autor a utilização de elementos como a juventude e a infância como nortes da melhoria de uma raça e de uma nação pela saúde.²⁵

O valor dos equipamentos técnicos do clube se aglutinaria com a competência humana do povo mineiro, ou seja, uma verdadeira “força de campeões”. Comum também em seus textos como podemos ver acima, que Vargas Netto fizesse não apenas a defesa da instituição (clube), mas do local em que estava inserido esta agremiação (a cidade ou o estado, por exemplo). Dentro da década de 1950, com o desenvolvimento de uma sociedade moderna reformadora, acreditava-se que a tecnologização teria um papel redentor no crescimento do país, como na industrialização e urbanização, mas não somente nestas áreas, pois mesmas estas poderiam rebater em políticas públicas de saúde, educação e lazer para determinados autores.²⁶

Em um amálgama destas duas formas de valorizar o clube nas páginas do *JS*, podemos citar um trecho da crônica de Álvaro do Nascimento (o “Zé de São Januário”):

[...] Afinal de contas, o que é um clube desportivo?

Uma organização desportiva é sentimentalismo, entusiasmo, vibração, amor à causa eugênica nacional, dentro de um âmbito de compreensão e amizade.

Um clube silencioso, encerrado em si mesmo não é clube desportivo. É uma irmandade religiosa, uma concentração de sessão espírita.

²⁴ Como podemos ver em outras fontes, como, por exemplo: VARGAS NETTO. Náutico Atlético Cearense. In: *Jornal dos Sports*. Rio de Janeiro, nº 7.020, 17 jul. 1952, p. 5.

²⁵ Sobre a importância do clubismo sob o ponto de vista do associativismo, ver o trabalho de: CAMARGO; SILVA. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes.

²⁶ De acordo com o cronista João Machado, também do *JS*, políticas voltadas para o associativismo no subúrbio eram fundamentais para o lazer destas regiões menos favorecidas da cidade do Rio de Janeiro: “[...] foi idealizado por um grupo de garotos com o objetivo de educar social e esportivamente a rapaziada do local, bem como os adultos interessados na concretização de um ponto onde [...] suas famílias pudessem, após as labutas diárias, recrear o espírito em ambiente sadio e eminentemente familiar”. Ver em: MACHADO. *Jornal dos Sports*, 1952, p. 5..

Os clubes desportivos são como certos remédios que se agitam antes de serem usados.

O Bangu acaba de dar um exemplo de vitalidade. Agita-se em prol de um movimento revigorador, cuja finalidade encerra o desejo de tornar o clube mais vibrante, mais entusiasta e mais respeitado.

Guilherme da Silveira Filho é um símbolo. As facções lhe devotam igual respeito. A agitação no Bangu gira apenas em torno dos candidatos à presidência. Um. Elias Gaze, com uma fôlha de serviços ao clube e outro, Fausto de Almeida, velho banguense, com um programa renovador, adaptado à época e à realidade desportiva.

Seja qual for o candidato eleito, somos de opinião que a mudança até para pior é melhor...²⁷

Nascimento revela de forma explícita o que seus colegas de *JS* apontaram em outras ocasiões, como observamos inclusive aqui neste artigo. Com boa penetração social em clubes como o Vasco da Gama e o próprio Bangu, o cronista aponta suas posições em relação ao quadro político deste último, não sem antes apresentar as finalidades da instituição clubística: o *lócus* da adoração e paixão, mas também da organização administrativa e do diletantismo esportivo.²⁸

Desta forma, o clubismo era entendido como um duplo aspecto de oportunizar textos e debates (inter)subjetivos acerca do universo esportivo, não só por uma visão carioca de conceber as representações criadas pelo esporte nacional (projeto maior de Mário Filho e do próprio jornal) mas de explorar as paixões e sentimentos que as emoções esportivas proporcionavam assim como de aquilatar valores em torno da organização e disciplinarização das práticas desportivas por meio de instituições legitimadas para tanto.

O PAPEL DA DENÚNCIA NO *JS*

Outra base de compreensão do papel subjetivo e regulatório destes autores é a prática do denunciamento como elemento funcional destes cronistas. Assim como no uso do clubismo, esta segunda estratégia era redigida por vários destes autores e sob óticas distintas, principalmente pela defesa de um esporte mais bem regulado e ordenado em algum momento ou evento em que tivesse incompetência ou

²⁷ NASCIMENTO. *Jornal dos Sports*, 1956, p. 10.

²⁸ Poderíamos citar outros exemplos de adoração clubística presente nos textos do *JS* no período para além dos autores selecionados para este artigo como: REGO. *Jornal dos Sports*, 1950, p. 5. Ou ainda: COSTA. *Jornal dos Sports*, 1952, p. 4.

negligência por parte das autoridades oficiais (esportivas ou não). Todavia, em muitas ocasiões, a crítica (ou a denúncia) era motivada pela defesa de algum clube, associação, personalidade ou localidade, mesmo que o interesse público ficasse em segundo plano. A função da denúncia poderia em algum momento ser a defesa da própria profissão de jornalista ou cronista em detrimento de alguma perda ou dificuldade de acesso aos eventos e ambientes esportivos.

Outra informação relevante a ser observada era a de que era possível encontrar em uma crônica voltada para a denúncia, elementos de defesa do clubismo, tanto no aspecto passional como no aspecto organizador.²⁹ Ou seja, os elementos são interrelacionados, assim como as características estéticas de cada cronista e que são apresentadas aos leitores são múltiplas e diversas, mesmo que possamos identificar estilos narrativos e até mesmo classificá-los.³⁰

Um exemplo de como alguns cronistas adotavam um discurso com tom crítico em favor da organização do campo esportivo pode ser lido no texto abaixo:

E a polícia nada?!... – Tudo!... Casaca, casaca, casaca, zaca, zaca. Polícia!... Polícia!... Polícia!...

As medidas tomadas pela polícia contra a ambição desregrada dos cambistas, merece os aplausos da população da metrópole.

Que se explore a vaidade dos “cartolas” e todos os vícios, está certo. O que está errado é explorar-se o patriotismo do povo que, com sacrifício, retira das suas migalhas uns níqueis para assistir aos encontros finais da Copa do Mundo.

Que os “tubarões” enriqueçam em negociatas escandalosas isso não é conosco. Mas que eles abandonem as batatas, o café e o feijão para se introduzirem no football, o esporte das multidões, único espetáculo ao alcance de todas as bolsas, isso é caso de polícia.

O sacrifício de milhares e milhares de jovens, passando horas consecutivas em longas filas, num gesto de singular patriotismo, não pode ser explorado pelos aventureiros apatacados.

A polícia e a Prefeitura agiram nos legítimos interesses do povo. Ambas estão de parabéns.

Os que vão ao Estádio Municipal, levados pelo sentimentalismo patriótico, não podem ficar sujeitos aos aventureiros e negociatas que, como chacais, se aproveitam dos restos e da miséria alheia.

Esses intrujões, enquanto a mocidade do Brasil gasta o último tostão para levar incentivo aos defensores da nossa camiseta, enfrentando, com

²⁹ Cabe aqui um exemplo de uma crônica de Álvaro do Nascimento sobre a intenção do Prefeito João Carlos Vital na construção da raia Olímpica e a doação dos terrenos aos tradicionais clubes da região de Santa Luzia Natação Internacional, Boqueirão do Passeio e Vasco da Gama. Ver em: NASCIMENTO (Zé de São Januário). *Jornal dos Sports*, 1952, p. 4.

³⁰ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*.

sacrifício, a inclemência do tempo, ficam regaladamente em casa, contando o dinheiro e verificando os lucros conseguidos à custa da juventude explorada.

Ilustres generais Lima Câmara e Mendes de Moraes, os desportistas do Brasil vos agradecem.

Os que não conseguiram ingressos para o jogo de hoje estão descansados e certos de que os “profiteurs” não os exploraram.

Os que se deixaram explorar, não podem culpar a polícia. Esta pediu a colaboração do povo contra os “profiteurs”.

Os explorados, aqueles que concordaram com os cambistas, nada podem reclamar.

Os que se deixara explorar, não têm o direito a queixas. O único direito que lhe assiste é o de se queixarem ao bispo...³¹

Nesta crônica, Zé de São Januário faz um apelo às autoridades (policiais e Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro) para inibir a venda irregular e ilegal de ingressos pelos cambistas, principalmente em um momento de euforia coletiva que era representada pela torcida e a expectativa de vivenciar a Copa do Mundo de 1950. O cronista aponta que os torcedores que compram estes ingressos fora do caminho legal, também seriam responsáveis pela irregularidade.

O esporte concebido desta forma poderia dar exemplo de honestidade e de ordem e se alia a uma campanha de promoção do torneio mundial de futebol que vinha sendo realizada pelo jornal desde o final da década anterior.³² Há que se destacar que a denúncia do JS por meio de seus cronistas tem a função de um ato regulatório, mas também há a pretensão de moldar o campo esportivo através de diferentes óticas subjetivas como eram as destes autores.³³

Para corroborar com mais este argumento, apresentamos uma crônica inter(subjetiva) de Vargas Neto, na qual ele dialoga com um leitor, chegando a publicar uma carta do mesmo em sua narrativa:

³¹ NASCIMENTO (Zé de São Januário). *Jornal dos Sports*, 1950, p. 9.

³² COUTO. *A hora e a vez dos esportes*.

³³ A fim de apontarmos outros autores que exerciam este caráter denunciante do jornal, até para entendermos que tal característica era comungada por outros cronistas de estilos narrativos diversos, citamos: MACHADO. *Jornal dos Sports*, 1951, p. 5.. Neste texto o autor aponta a desordem urbana e a falta de planejamento da municipalidade como características dos subúrbios do Rio de Janeiro. Outro exemplo pode ser encontrado em: MORAES. *Jornal dos Sports*, 1950, p. 9. Aqui a cronista (uma das raras exceções no universo masculino da cronista esportiva) faz uma crítica à supervalorização dos animais estrangeiros em relação aos nacionais nas sociedades hípicas e jockey clubs.

Reclamação

O senhor Atila Lima reclama um comentário sobre carta que me dirigiu. Devo dizer que nem sempre tenho tempo para responder todas as missivas, e, às vezes, o atraso com que elas chegam faz perder a oportunidade. Acontece também que em certas ocasiões os comentários são por demais “vivos” e de estrito interesse ou sentimento pessoal. Nestes casos costumo não responder.

A sua primeira carta era mais forte do que esta e atingia uma temporada em pleno desenvolvimento. Não quis agravar, com a publicação das cartas que recebia, uma situação já por si mesma comprometida, pois a minha intenção, criticando a temporada, não era a de criar dificuldades a quem quer que fosse, mas apenas a de defender um torneio oficial; De fato alguém procurou sabotar o “Campeonato Mundial de Clubes Campeões”, ou as disputa da “Copa Rio”, estabelecendo uma espécie de competência para os matches internacionais da “Copa Rio”, e, de certo modo, enfraquecendo a capacidade financeira da torcida, pelo excesso e carestia dos espetáculos.

Publico a sua carta:

Rio de Janeiro, 12 de junho de 1951

“Ilmo. Sr. Vargas Netto – JORNAL DOS SPORTS – Nesta – Prezado Senhor: Mais uma vez venho a presença do prezado cronista oportunar-lhe com minha opinião a respeito da temporada dos clubes ingleses entre nós.

Quando da minha primeira carta lançava um protesto contra o preço das entradas para os jogos internacionais, tive oportunidade de salientar que a mesma não estava à altura dos jogos que iríamos assistir, pois além de se tratar de dois clubes que jogavam um football medíocre, os torcedores (na maioria, gente do povo), não podiam dispor de vinte e cinco cruzeiros para cada partida. Assim sendo, ou assistiriam ao jogo com o clube de sua predileção ou então deixariam para assistir ao “match” com o Vasco da Gama.

Já chegamos ao fim da temporada dos “vigaristas” e não tive a satisfação de ver o meu protesto comentado pelo prezado amigo. Entretanto, infelizmente, vejo o meu prognóstico realizado. A temporada foi técnica e financeiramente um verdadeiro fracasso. O que mais acho interessante, é que a maioria dos cronistas, principalmente do JORNAL DOS SPORTS, acha que o povo está desprestigiando a temporada, não acreditando nos clubes cariocas ou desvalorizando o football inglês. Ainda ontem, ouvindo a resenha esportiva de uma das nossas mais conceituadas emissoras, o locutor dizia que os clubes cariocas não mais trariam agremiações estrangeiras para temporadas no Brasil, alegando que o público não emprestou o devido apoio à iniciativa ora concretizada. E o senhor hoje, em sua crônica diária sob o título “PELADA” comentou o jogo de domingo taxando-o de horroroso e dava razão ao público por ter vaiado os 22 jogadores em campo, defendendo, entretanto, o Botafogo das acusações de que era vítima.

Estou de pleno acordo com o acordo com o prezado cronista. Entretanto, discordo de todos os comentaristas da nossa imprensa falada ou escrita. Sou de opinião de que o fracasso das rendas não é somente ao péssimo jogo apresentado pelos ingleses, e sim, devido ao preço dos ingressos, um verdadeiro assalto à bolsa do povo. O senhor já se deu ao trabalho de pensar em quanto ficará a um torcedor a temporada dos dois clubes

ingleses se ele quiser assistir a todos os jogos? Será que os cronistas e a C. B. D. não enxergam tudo isto?
Sem mais, com a minha admiração e respeito, subscrevo-me,
Atenciosamente
Atila de F. Lima.³⁴

A carta do leitor de Vargas Netto reforça o apelo formal do cronista em relação à crítica sobre os organizadores dos torneios e campeonatos de futebol no Rio de Janeiro, principalmente no que diz respeito ao preço dos ingressos das partidas, inacessível para muitos populares, em especial em jogos internacionais.

O autor publica a carta para reforçar sua posição como crítico do campo esportivo, justamente porque traz consigo um discurso de autoridade, de quem se coloca na “cena” da observação, tanto como cronista, como quem milita na organização e na disciplinarização do esporte desde a década anterior. Importante compreender que não é um diálogo apenas com o leitor que lhe escreve, mas com seus pares, a “imprensa” cujo argumento da falta de público nas partidas tem uma causa contumaz: a má qualidade dos jogadores e dos times participantes dos torneios. Vargas Netto publica a carta numa tentativa de legitimar a interrelação com os leitores ao eleger um que o apoiava explicitamente. De todo modo, o caráter denunciante da crônica/carta evidencia uma das faces dos principais autores híbridos do jornal durante o período.

Cabe ainda lembrar que o estilo narrativo mais polido e formal de Vargas Netto o destacava de Álvaro do Nascimento, este mais ácido, debochado e por vezes mais agressivo com seus “alvos”, o que podemos perceber facilmente na comparação analítica com as crônicas apresentadas neste artigo inclusive. Tal fato se explica pela necessidade de disputa por espaços nas páginas do jornal e pelo processo de fidelização dos leitores, o que justifica formatos e modelos tão diferenciados dos discursos apresentados no *JS* ao longo deste período estudado.

³⁴ VARGAS NETTO. *Jornal dos Sports*, 1951, p. 5.

QUESTÕES CONCLUSIVAS

Finalmente, apesar dos limites deste texto atual, podemos observar dois pilares básicos que compunham as preocupações subjetivas dos cronistas do *JS* durante a década de 1950: o clubismo e o denunciamento. Apesar de termos selecionado apenas dois de seus principais cronistas, podemos concluir que ambas as questões podem ser consideradas estratégias de venda de jornais, de posicionamento mercadológico no campo da imprensa esportiva, mas também de ocupação e manutenção de espaços individuais e subjetivos para os autores chamados de cronistas.

A composição de um time heterogêneo no *JS* garantia uma multiplicidade de opiniões híbridas, no limite e na fronteira do jornalismo com o universo literário. O que vemos no *JS* era o acompanhamento do desenvolvimento deste gênero desde a década de 1940. De acordo com Couto:

Com o aparecimento de um novo formato de noticiar e publicizar os esportes de forma opinativa, criativa e subjetiva, a partir da década de 1940, as crônicas tornaram-se os elementos mais importantes do jornalismo esportivo impresso, trazendo em si mesmas a antítese da modernidade presente nos anos 1950 acerca da “onda objetiva”. A visão autoral e imaginativa dos cronistas construía representações culturais e sociais sobre os esportes que englobavam questões nacionais caras sem perder a identidade regional que as disputas locais poderiam apontar, sem falar na ideia de apoiar de forma incondicional a estratégia de fomentar as paixões clubísticas e a organização dos esportes por meio dos clubes e das associações esportivas. Missões que foram cumpridas por um time de narradores, cuja produção rica em criatividade e imaginação merece igual tratamento pelos futuros olhares historiográficos.³⁵

Há que se pensar em novos trabalhos que recuperem a importância dos cronistas na formação da imprensa esportiva e de sua consolidação, principalmente a partir de suas origens, quando era possível em uma mesma empresa/periódico ter tantas diferenças de estilos narrativos e visões sobre a cidade, o país e o esporte, mesmo sem perder um projeto de publicização do campo, moderno, mas também abrangente.

³⁵ COUTO. *Cronistas esportivos em campo*, p. 332.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- CAMARGO, Laura Alice Rinaldi e SILVA, Marcos Ruiz. Os clubes sociais e recreativos e o processo civilizatório brasileiro: uma relação de hábitos e costumes. In: **XI Simposio Internacional Proceso Civilizador**. Buenos Aires.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes**: a criação do *Jornal dos Sports* e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950). São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.
- COUTO, André Alexandre Guimarães. **Cronistas esportivos em campo**: Letras, Imprensa e Cultura no *Jornal dos Sports* (1950-1958). Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.
- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese de Doutorado em Antropologia Social.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- FERREIRA, Antonio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2012.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de; MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes Editores, 1989.
- MELLO, João Manuel Cardoso de e NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *História da vida privada no Brasil*, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras.
- MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**: panorama e perspectivas. São Paulo: IBRASA, 1999.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. 4. ed.

FONTES

COSTA, Florita. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 de julho de 1952, p. 4. Coluna O Meu Comentário.

MACHADO, João. Novas Praças de Desportos. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 jun. 1951, p. 5. Coluna Às Quintas-Feiras.

MACHADO, João. Novas Praças de Desportos, Grêmio Esportivo Vital. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.893, 13 fev. 1952, p. 5. Coluna Às Quintas-Feiras.

MORAES, Inah de. É Pena!... In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.499, 28 out. 1950, p. 9. Coluna Rondó dos Cavalões.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.410, 16 jul. 1950, p. 9. Coluna Uma Pedrinha na Shooteira.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 7.035, 3 ago. 1952, p. 10. Coluna Uma Pedrinha na Shooteira.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 7.037, 6 ago. 1952, p. 4. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

NASCIMENTO, Álvaro do (Zé de São Januário). In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 8.367, 5 dez. 1956, p. 10. Coluna Uma pedrinha na Shooteira.

REGO, José Lins do. Acima de tudo o Flamengo. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.499, 28 out. 1950, p. 5. Coluna Esporte é Vida.

VARGAS NETTO, Manoel. Reclamação. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 6.698, 28 jun. 1951, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VARGAS NETTO, Manoel. Minas T. C. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 7.040, 9 mar. 1952, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

VARGAS NETTO, Manoel. Náutico Atlético Cearense. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, n.º 7.020, 17 jul. 1952, p. 5. Coluna A Crônica de Vargas Netto.

* * *

Recebido para publicação em: 15 dez. 2017.
Aprovado em: 21 mar. 2018.